

O MÉTODO JEAN MONNET E A UNIÃO EUROPÉIA COMO REFERENTES PARA O PROJETO DE INTEGRAÇÃO SUL-AMERICANO

Túlio César Dias¹

SUMÁRIO: Introdução; 1. A Descoberta da América e o Encobrimento do 'Outro'; 2. A América do Sul e seus Desafios na Atualidade; 3. O Método Jean Monnet como Referente para o Projeto de Integração Sul-Americano; Considerações Finais; Referências Bibliográficas.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o projeto de integração do continente Sul Americano. Levanta-se a hipótese da possibilidade de utilização do Método Jean Monnet – método utilizado na formação da União Européia – como um dos referentes para a efetivação do Projeto Sul Americano. A ênfase que se atribui ao referido método funda-se em sua proposição de identificação dos limites, carências e desafios regionais, bem como na fusão dos interesses, que levará à coesão social fruto da ação conjunta e solidária entre os países.

PALAVRAS-CHAVE: Integração Sul Americana; Método Jean Monnet; União Européia.

ABSTRACT

This paper aims to reflect on the project of integration of South America. Raises the hypothesis of the possibility of using the Jean Monnet method - the method employed in forming the European Union - as one of respect for the realization of Project South America. The emphasis that is attributed to that method is based on his proposal for identifying the boundaries, needs and regional challenges as well the merging of interests, leading to social cohesion result of joint action and solidarity among countries.

Keywords: South American Integration; Method Jean Monnet; the European Union.

¹ Advogado, Especialista em Direito Constitucional pelo CESUSC (Complexo de Ensino Superior de Santa Catarina), aluno do Curso de Mestrado em Ciência jurídica da UNIVALI – Universidade do Vale do Itajaí, Professor das Faculdades Integradas ASSESC (Associação de Ensino de Santa Catarina).

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre a possibilidade de utilização do Método Jean Monnet – enquanto referente teórico-filosófico – no processo de integração dos países sul americanos

Inicia-se este texto pela análise crítica da história do ‘descobrimento’ da América Latina por parte da Europa. Com fundamento no pensamento do filósofo Enrique Dussel enfatiza-se a realidade da negação e do domínio dos povos colonizados pelos colonizadores – ‘o encobrimento do outro’.

A seguir, passa-se a refletir sobre os desafios atuais - globalização, hegemonia dos centros de poder mundial, complexidade da realidade ‘mundi’ – que exigem dos países sul americanos a superação dos modelos de desenvolvimento propostos e a criação de um novo projeto.

Levanta-se a hipótese do Método Jean Monnet servir de referente para o projeto de integração sul americano por permitir: a) visitar o passado para compreender a realidade presente; b) identificar as necessidades e os desafios comuns da região, tais como, subdesenvolvimento, pobreza e exclusão social; c) apontar para a possibilidade de superação dos problemas comuns pela ação conjunta e solidária, o que virá a fortalecer o bloco sul americano.

Finalmente apresentam-se as conclusões que confirmam as hipóteses levantadas, ou seja, o Método Jean Monnet pode constituir-se em fonte inspiradora do projeto de Integração Sul Americana.

1. A DESCOBERTA DA AMÉRICA E O ENCOBRIMENTO DO ‘OUTRO’

Refletir sobre a realidade da América Latina (e para este artigo, principalmente, a da América do Sul) implica, primeiramente, resgatar a história de seu descobrimento e de sua relação com o ‘descobridor’ – o mundo europeu.

Ao iniciar-se um debate sobre a relação européia com os demais povos e continentes é necessário que se faça um apanhado geral dos últimos 500 anos. Tais relações fundaram-se em uma suposta superioridade racial, verdade religiosa e doutrina da acumulação do capital que impuseram severo sofrimento aos povos conquistados, em especial, aos nativos americanos e africanos.

O início da história Americana, contado a partir de 1492, significou o fim de toda sua história anterior. A infantilização da Ásia e bestialização da África dava pistas da atitude arrogante e autosuficiente da Europa e da miopia de seu olhar em relação ao mundo. Antes de 1492, o mundo de então era trino (Europeu, Africano e Asiático).

DUSSEL, usando da fala de Hegel, descreve o 'sentir europeu' em relação aos outros povos...

(o Homem Africano) é um homem em estado bruto. Este modo de ser dos africanos explica o fato de eles serem tão extraordinariamente facilmente fanatizados. O Reino do Espírito entre eles é tão pobre e o Espírito tão intenso que basta uma representação que lhes é inculcada para levá-los a não respeitar nada, a destruir tudo (...) A África (...) não tem propriamente história².

A Ásia para Hegel significava apenas o começo da civilização, porém, um começo imaturo que já era passado. A Europa, por sua vez, era absolutamente o Centro e o Fim do mundo antigo e o Ocidente enquanto tal³.

Todavia, a Europa verdadeira, o 'coração' da mesma, restringia-se a Alemanha, França, Dinamarca e aos países escandinavos. Esta Europa cristã e moderna não teria, na opinião de Hegel, o que aprender com outros mundos ou culturas. Possuía um princípio em si mesma e constituía sua total 'realização'.

O povo dessas terras passava a ter um 'direito absoluto', nesse momento de desenvolvimento, por ser o 'portador' do Espírito. Quanto aos outros povos não

² DUSSEL, Enrique. **1492: o encontro do outro (a origem do mito da modernidade)**. Tradução. Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 20.

³ DUSSEL, Enrique. **1492: o encontro do outro (a origem do mito da modernidade)**, p. 20.

possuíam qualquer direito. O poder do Norte (e Centro da Europa) estava sacralizado sobre a Europa do Sul e todo o restante da periferia, inclusive o mundo colonial e dependente.

Hegel propunha uma saída para a Europa do Sul: a "Periferia" européia. Nela, os pobres do capitalismo poderiam tornar-se proprietários capitalistas das colônias, mesmo que o descobrimento Americano não fosse uma prova da Modernidade.

DUSSEL interpreta esta realidade a partir de uma nova tese. Para ele a América, ou, o americano...

É a "outra cara" (teixtli, em asteca), a Alteridade essencial da Modernidade. O ego ou a "subjetividade" européia imatura e periférica do mundo muçulmano que se desenvolverá até chegar com Fernando Cortês, na conquista do México (o primeiro "espaço" onde o referido "ego" efetuará um desenvolvimento prototípico), a se tornar "Senhor-do-mundo", como "vontade-de-poder". Isto permitirá uma nova definição, uma nova visão da Modernidade, o que nos descobrirá não só seu "conceito" emancipador (que é preciso subsumir), mas igualmente o "mito" vitimário e destruidor, de um europeísmo que se fundamenta numa "falácia eurocêntrica" e "desenvolvimentista"⁴.

Pode-se concluir que no sentido 'ontológico' o navegante italiano Colombo, a serviço da Espanha, não descobriu a América. Veja-se que Colombo partiu das Ilhas Canárias (litoral Atlântico Norte-Africano) no dia 8 de setembro de 1492, chegando a algumas ilhas da parte ocidental do Atlântico, no dia 12 de outubro do mesmo ano. Ao se deparar com essa terra, teve a certeza de haver chegado às já conhecidas, mas ainda não exploradas, Índias (costa Leste Chinesa). Os animais, as exóticas plantas e, principalmente, os índios (habitantes das Índias) são a constatação.

Colombo ao longo de sua vida fez várias expedições ao Continente Americano: em 1492, 1493, 1496 e 1502. Em 1506 faleceu com a certeza de ter descoberto o caminho Ocidental das Índias.

⁴ **DUSSEL**, Enrique. **1492: o encontro do outro (a origem do mito da modernidade)**, p. 20.

Este “ser-asiático” com o qual se deparou Colombo é fruto unicamente do imaginário dos navegantes do Mediterrâneo, num mundo até então ‘trino’ (Europeu, Asiático e Africano). O Índio Americano, no primeiro momento, foi conhecido como o ‘mesmo’ asiático de sempre; não foi conhecido como ‘o outro’ (um diferente do Asiático – que por sua vez iniciara a existência humana, mas não evoluíra). O passo seguinte foi seu ‘re-conhecimento’ que, todavia, significou apenas sua negação, seu ‘encobrimento’.

Em 1501 outro navegante italiano, Américo Vespúcio, sob as ordens da Coroa Portuguesa, lançou-se ao Atlântico objetivando chegar à Índia por baixo da Quarta Península (suposta península adicional que Vespúcio acreditava existir) atravessando o Sinus Magnus (nome que dava ao Golfo que separava o Quersoneso Áureo - Sul da Malásia).

No ano de 1502 Vespúcio retornou à Portugal sem achar o Sinus Magnus para chegar à Índia. Teve, todavia, a consciência de que a porção continental encontrada por Colombo a sudeste do Sinus Magnus era parte antípoda da Ásia. Acabara de descobrir a América.

Mathias Ringmann e Martin Waldeseemuller, em 1507, publicaram sua *Cosmographie Introductio*, descrevendo como incontestes a ‘Quarta Parte da Terra’.

Em 1520 Sebastião Elcano, sobrevivente da expedição de Fernando de Magalhães, ao voltar à Espanha, descreveu a descoberta do Estreito de Magalhães e a experiência de navegar pelos oceanos Pacífico e Índico circunavegando a terra. O Sinus Magnus, na realidade, era irreal. E da consciência da existência da América, outra, passou a existir: a Europa era o “Centro do Mundo”.

Para DUSSEL neste momento...

O ego moderno desapareceu em sua confrontação com o não-ego; os habitantes das novas terras descobertas não aparecem como

Outros, mas como o 'Si-mesmo' a ser conquistado, colonizado, modernizado, civilizado como matéria do 'ego' moderno⁵.

Após a 'descoberta' – onde a relação entre descobridor e descoberto foi quase científica, de reconhecimento, inspeção, ou em relação aos novos territórios, topográfica, de levantamento de mapas, descrição das espécies, animais, climas – a 'conquista' se iniciou. Esta por sua vez demonstrou ser prática, política, militar, de pessoa-pessoa, de dominação. Abandonou-se a teoria e passou-se à prática da dominação.

A matança desordenada das populações não urbanas que ocorreu no caribe foi exemplo dessa conquista. Já em relação aos 'Impérios Americanos' (Incas, Maias e Astecas – virados para o Pacífico) houve uma ocupação organizada, um domínio sistemático do 'primeiro homem moderno ativo', o 'conquistador'. Este imporia sua 'individualidade' violenta ao 'Outro' (o Americano).

Fernando Cortês, fidalgo espanhol, nascido em 1485, foi o exemplo do conquistador. Chegou em 1504 a Santo Domingo, ficou 5 ou 6 anos como encomendeiro, explorando os índios. Deles extraiu grande quantidade de ouro e logo ficou rico. Foi nomeado Alcaide e posteriormente capitão na conquista de Yucatan (México), em 1517. A transformação desse pobre fidalgo em 'Capitão Geral' fora a mesma transformação do ego moderno de todo o Conquistador da época.

Montecuhzuma, o Imperador asteca, em 1519, já havia sido avisado por seus informantes que 'deuses em casas de água' haviam passado pela região do Golfo do México. Quando ocorreu o encontro da expedição de Cortês com os embaixadores de Montecuhzuma, aquele foi chamado de 'Senhor e Rei Quetzalcohuatl' (simplesmente, Deus).

⁵ **DUSSEL**, Enrique. **1492: o encontro do outro (a origem do mito da modernidade)**, p. 36.

DUSSEL descreve a tática de Cortês e afirma que o mesmo agia:

(...) como os cristãos da reconquista, como os reis católicos diante de Granada. Pactuava com uns, dividia outros, e ia lentamente derrotando – em violentas batalhas nas quais os soldados, um punhado, demonstravam de todas as maneiras a prática adquirida em mais de sete séculos de luta contra os muçulmanos na península ibérica, o uso das armas de fogo, os canhões de pólvora, os bestiais cães treinados para matar, os cavalos tidos por deuses desconhecidos, etc. Agiam com tanta dissimulação, hipocrisia, mentira, maquiavelismo político de tão grande eficácia que desconcertavam os mexicanos, peritos no domínio de centenas de povos, mas de uma honestidade em sua palavra completamente ingênua para o homem “moderno”⁶.

A destruição do Império Asteca não representou apenas a queda de um império, mas sim o ‘fim do seu mundo’. Para DUSSEL a ‘conquista’ é a *afirmação prática do ‘Eu conquisto’ e ‘negação do outro’ como outro*⁷.

O momento seguinte à conquista violenta (imposta aos Impérios Inca, Maia e Asteca) foi o da colonização da vida cotidiana do índio e posteriormente do africano, pela conquista de seus corpos – através do machismos sexual – e do seu modo de viver.

DUSSEL sustenta que:

A ‘colonização’ ou domínio do corpo da mulher índia é parte de uma cultura que se baseia também no domínio do corpo do varão índio. Este será explorado principalmente pelo trabalho – uma nova econômica. No tempo da acumulação originária do capitalismo mercantil, a corporalidade índia será imolada e transformada primeiramente em ouro e prata – valor morto da objetivação do “trabalho vivo” (diria Marx) do índio⁸.

Conforme DUSSEL, mesmo reconhecendo que esta forma européia de pensar tivesse contestadores, o fato é que ela se sobrepôs às demais. Não se objetivando, aqui, realizar uma descrição histórica detalhada do ‘pós primeiro contato’ do europeu com o nativo americano e africano, é, porém, de

⁶ DUSSEL, Enrique. **1492: o encontro do outro (a origem do mito da modernidade)**, p. 47.

⁷ DUSSEL, Enrique. **1492: o encontro do outro (a origem do mito da modernidade)**, p. 49.

⁸ DUSSEL, Enrique. **1492: o encontro do outro (a origem do mito da modernidade)**, p. 52.

fundamental importância reconhecer que os fatos que se seguiram demonstraram a naturalização da exploração do primeiro em relação aos demais.

O europeu, todavia, foi cruel no decorrer da história não apenas com os povos conquistados, mas também com seus pares e a história da Europa, antes e após 1492, foi sempre a história de suas guerras. A Europa industrializou-se e se desenvolveu, primeiro, com o ouro e prata da América e depois com diversos outros produtos de suas colônias americanas, africanas e asiáticas, isto, sempre regado com sangue de seus nativos.

O homem americano enfrentou historicamente profundos desafios, primeiramente, os referentes à exploração e a dominação do conquistador, mais tarde as lutas políticas regionais na disputa por territórios e a afirmação da soberania dos Estados nacionais. Hoje, novos desafios se apresentam e a América do Sul projeta uma saída comunitária, que poderia acontecer pela integração e coesão social de seus Estados.

2. A AMÉRICA DO SUL E SEUS DESAFIOS NA ATUALIDADE

Pensar a América do Sul na atualidade exige reconhecer a necessidade de empreender o esforço de superação da idéia desenvolvimentista apresentada, primeiro, pela Europa a seus colonizados e, posteriormente, pelas nações ricas às demais nações do mundo. O que se considera subdesenvolvimento nada mais é do que a única alternativa deixada aos explorados pelo colonialismo (pós-descobrimto) e agora reapresentado por um neo-colonialismo.

Alerta MELO LISBOA que:

O processo de globalização nos colocou num beco sem saída. A 'belíndia' (imagem criada por um economista de que no Brasil coexistem uma Bélgica e uma Índia) encontra-se numa encruzilhada: se continuarmos a perseguir a inalcançável modernização (buscando uma inserção competitiva na ordem globalizada) o lado Bélgica continuará se afastando em alta velocidade do lado Índia, levando a uma sociedade cada vez mais absurda e inviável. A crise é uma oportunidade para repensar os caminhos escolhidos. As transformações atuais estão a exigir

novos conceitos. O futuro exige que não sigamos nenhum dos modelos tradicionais. Temos de pensar o impensável⁹.

A idéia de que 'enormes sacrifícios econômicos' impostos na busca do desenvolvimento é a única saída, levou a desintegração de diversas populações que desenvolviam economias de subsistência sem, porém, integrá-las à economia de mercado. Esta busca incessante por um 'desenvolvimento cego', ao mesmo tempo em que destrói as reservas do planeta, impede a elaboração de 'desenvolvimentos' sustentáveis e criativos que poderiam ser propostos por cada povo aproveitando as suas diversidades.

A multipolarização do planeta talvez signifique o despertar criativo dos 'desenvolvimentos'. Neste contexto, o MERCOSUL desponta como uma alternativa. GUIMARÃES ao iniciar um estudo geral da distribuição de poder entre os países avalia que:

O ambiente regional no qual o MERCOSUL tem de exercer seu papel político está caracterizado por tensões e instabilidade econômica e política, a despeito do pensamento positivo (wishful thinking) e dos promotores das políticas neoliberais, e das estratégias de alinhamento político com as grandes potências como panacéia para os males do subdesenvolvimento e da periferia¹⁰.

Todavia, antes de pensar-se o papel político do MERCOSUL, necessário se faz destacar a importância do Brasil e da Argentina na região. Após a redemocratização dos dois países, final da década de 80 do século passado, a busca de ambos por um entendimento no campo das relações internacionais sempre foi objetivado. O alinhamento da Argentina às políticas neoliberais, no governo Menem, significou certo afastamento de seus parceiros Sul Americanos. Ao Brasil, país mais populoso da América do Sul, cabe instigar os países vizinhos à construção de um projeto comum.

⁹ LISBOA, Armando de Melo. **Desenvolvimento: uma idéia subdesenvolvida**. Revista *Plural*, ano 5, n.º 7, jan/jun. 1996, p. 73.

¹⁰ GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. **Desafios brasileiros na era dos Gigantes**. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2005, p. 388.

Hoje os Estados Unidos, diretamente ou por meio de organizações internacionais (ONU, OTAN, FMI, OEA, etc) impõe seu poder na governança mundial. Isto se manifesta na área que se situa ao sul da Colômbia e Venezuela, por meio de tratados bilaterais, de negociações de uma área de livre comércio, de políticas de dolarização e de estratégias de implantação de suas bases militares nos países da região (ao mesmo tempo desmilitarizando-os). Estes são, sem dúvida, desafios à efetivação do MERCOSUL.

A política externa dos Estados Unidos, principalmente se for levado em conta as fortes ligações com cada país do MERCOSUL (políticas, comerciais, financeiras e militares), constitui parte do desafio que o bloco precisa superar.

Para contrabalançar o poder estadunidense, Rússia, Comunidade Européia e China fatiam seus espaços no contexto mundial. Porém, a proximidade geográfica da América do Sul, somados a aceitação de alguns grupos sul americanos, faz com que seja naturalmente aceita a hegemonia estadunidense sobre a região.

As dificuldades na abertura do mercado econômico europeu aos produtos agrícolas das nações em desenvolvimento, e entre estas, as sul americanas, faz com que o aprofundamento das relações entre o MERCOSUL e CE, no âmbito de cooperação política e tecnológica, seja prejudicado. A criação de um sistema multipolar depende, também, do êxito na relação entre os citados blocos.

China e Japão tendem a ver a América do Sul como zona de influência dos Estados Unidos pela proximidade geográfica; e da Europa, pelos laços culturais. Entretanto, por buscarem a multipolaridade e serem desejosos de uma cooperação científica e tecnológica com o MERCOSUL (e em especial com o Brasil) trabalham por uma aproximação. A escassez de terras aráveis e metais fomentam a aproximação, sobretudo da China, ao MERCOSUL.

Neste mundo de tamanha complexidade, os países árabes, grandes exportadores de petróleo, buscam seu espaço global estando, porém, sempre no embate com Israel. Tal instabilidade coloca as demais nações em pânico frente à dependência do petróleo.

A África do Sul, o país mais rico do Continente Africano, na medida em que supera a herança do *apartheid* – a falta de coesão social e de distribuição de renda – trabalha pelo fortalecimento das relações com outros países periféricos como Brasil e os membros do MERCOSUL.

O México, após sua entrada ao Nafta, tornou-se porta voz dos Estados Unidos na América Latina, buscando a ALCA. Ao levar-se em conta as facilidades de acesso da população mexicana aos EUA e da entrada de reservas financeiras deste último ao México, duvida-se que os demais países sul-continentais venham a se beneficiar por uma futura zona de livre comércio contemplando toda a América, comparadas aos benefícios mexicanos. A estratégia de acordos bilaterais do México em relação aos países Sul Americanos (Uruguai) só enfraquece o MERCOSUL.

Do exposto fica claro que a superação do passado colonial e das adversidades presentes e futuras dos países Sul Americanos, só poderá acontecer se se pensar uma saída conjunta. O MERCOSUL simboliza este caminho, e o exemplo da Comunidade Européia (CE) pode servir de referente para o projeto de integração Sul Americana.

3. O MÉTODO JEAN MONNET COMO REFERENTE PARA O PROJETO DE INTEGRAÇÃO SUL-AMERICANO

Dos expolhos de tantos embates e após o último e mais terrível deles, a Segunda Guerra Mundial, uma voz saída da própria Europa surge com uma nova proposta de integração entre os países e seus povos: Jean Monnet.

A proposta de Jean Monnet fundou-se na superação das mágoas entre os países e, acima de tudo, na idéia de que os motivos das disputas entre as nações deveriam, ao invés de provocar guerras, tornarem-se soluções comuns.

O método desenvolvido por Jean Monnet foi fruto de suas experiências pessoais e de sua história de vida. Monnet nasceu em Cognac (França), em 9

de novembro de 1888 e faleceu em Houjarray (França), em 16 de março de 1979, período que lhe fez presenciar as duas Guerras Mundiais.

Avesso à ciência livresca, sempre buscou um conhecimento que pudesse ser aplicado a questões práticas. Por viver seus primeiros anos numa cidade com forte vocação mercantil (berço da bebida Cognac), fez do comércio sua primeira e maior escola para a vida.

Em razão da atividade comercial viajou por vários países e percebeu a necessidade de aprender a língua, os hábitos e a forma de pensar dos outros povos. Morou dois anos na Inglaterra, com o objetivo de realizar tal aprendizado. O mesmo 'comércio' que, por ser a forma prática de acumular o capital, havia ceifado muitas vidas durante a história da humanidade, para Monnet, mostrou-se a possibilidade de integrar culturas e aceitar a diversidade.

No período entre as duas Grande Guerras exerceu diversas funções públicas como: delegado do governo francês para coordenar a cooperação econômica entre os aliados (Primeira Guerra); Secretário Geral Adjunto na criação da Sociedade das Nações, em 1919. Presidiu, ainda, o Comitê de Coordenação Franco-Britânico para a partilha dos recursos aliados (Segunda Guerra Mundial) e ao final da guerra foi nomeado comissário do Plano de Reconstrução e Recuperação Econômica da França.

Em 1950 Monnet sugerir ao Ministro dos Negócios Estrangeiros francês, Robert Schuman, a integração da produção francesa e alemã do carvão e do aço. A proposta oficial do Ministro levou finalmente à constituição da Comunidade Econômica do Carvão e do Aço em 1952; sendo este o primeiro passo sério no caminho da construção da unidade européia. Jean Monnet foi eleito presidente da Alta Autoridade que dirigiu a CECA.

Num contexto de pós Segunda Guerra Mundial, com a Europa completamente destruída, Monnet diagnosticou a causa desta e de outras guerras: a busca pelo poder e riqueza das nações.

Identificou Monnet, no caso específico da Alemanha e da França, as regiões do Ruhr e do Sarre como ponto nevrálgico da paz, ou da guerra, dentro da Europa. Daí surgiu a necessidade de um projeto de união energética, num viés supranacional, entre os citados países, posto que estas regiões representavam a riqueza do carvão e do aço, porém suas...

bacias naturais inscritas em um triângulo geográfico que as fronteiras cortavam artificialmente eram repartidas de maneira desigual, mas complementar, pela França e pela Alemanha. Essas fronteiras casuais tinham se tornado na era industrial, cujo surgimento coincidiu com a das doutrinas nacionais, obstáculos às trocas e depois linhas de confrontação.¹¹.

Monnet percebeu que no decorrer da história nem o povo alemão, muito menos o francês, sentiu-se mais seguro por ser o único dono da referida região. A incessante disputa sempre acabava em uma guerra que, por sua vez, era solução apenas enquanto a outra nação se preparava para a desforra.

Assim, propôs a busca da fusão de interesses dos povos europeus e não simplesmente a manutenção do equilíbrio de seus interesses. Por isso os primeiros passos de entendimento deveriam ser, justamente, referentes à questão do carvão e do aço, minerais estratégicos tanto para a produção industrial civil como a armamentista. Fundi-los, acima das fronteiras, seria retirar-lhes seu prestígio maléfico e transformá-los, ao contrário, em garantia da paz.

O projeto francês propunha colocar o conjunto da produção franco-alemã de carvão e do aço sob uma Autoridade Internacional aberta à participação dos outros países da Europa e permitir a extensão gradual dos demais domínios de uma cooperação efetiva com objetivos não bélicos.

A referida proposta francesa levou o nome do seu Ministro dos Negócios Estrangeiros, Robert Schuman, sendo chamada de 'Plano Schuman'.

Ao descrever o Plano Schuman, Monnet, salientava que:

¹¹ MONNET, Jean, 1888-1979. **Memórias**. Tradução de Ana Maria Falcão, Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1996, p. 260.

(...) as propostas Schuman são revolucionárias ou não são nada. O princípio fundamental é a delegação de soberania em um domínio limitado, mas decisivo. Em minha opinião, um plano que não parte desse princípio não pode trazer nenhuma contribuição útil à solução dos grandes problemas que nos assolam. A cooperação entre as nações, por mais importante que ela seja, não resolve nada. É preciso buscar uma fusão de interesses dos povos europeus e não simplesmente a manutenção de equilíbrio de seus interesses¹².

Assim, se a Europa conseguiu achar seu equilíbrio, construindo um projeto comum de paz entre os países que a compunham, tal saída poderá ser experimentada por outras nações. Esta concepção mostra-se inovadora até os dias de hoje porque propõe uma relação entre países sem a ideologia da usurpação ou a necessidade do mais forte impor-se sobre os demais.

Referida mudança de paradigma é recolocada por Monnet em 1973 quando acontece a Guerra dos 6 dias, no feriado judeu do Yom Kippur, entre árabes e israelenses. A saída européia poderia e deveria ser ofertada a outros povos, a começar, aos do Oriente Médio.

Monnet tinha a certeza de que a união dos europeus não era apenas importante para eles, mas poderia ter um valor de exemplariedade para outras nações e povos. Assim, sustentava que:

(...) o conflito sempre pronto a despertar no Oriente Médio e a confrontação entre Israel e os árabes não me parecia mais insuperável do que a oposição franco-alemã durante dois terços de século. Daqui por diante essa oposição pertencia ao passado e não foram as armas nem a diplomacia que tinham posto fim a ela, mas um método que mudava a maneira de pensar, transformando as próprias causas de rivalidade. O que dividia os homens podia tornar-se comum a eles em toda parte do mundo¹³.

Monnet após lançar a proposta inicial que poderia harmonizar as diferenças e egoísmos entre os povos deixou a saída final para ser construída. A concepção de Nação Soberana do passado não poderia mais resolver os problemas do presente; sabia que a própria Comunidade Européia seria somente uma etapa no caminho às formas de organização do futuro do mundo.

¹² MONNET, Jean, 1888-1979. **Memórias**, p. 277.

¹³ MONNET, Jean, 1888-1979. **Memórias**, p. 449.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Face à herança histórica legada aos povos colonizados, e neste caso o Sul Americano, impõe-se a necessidade de superação do passado. Superá-lo, todavia, não significa esquecê-lo. Mais do que isso, deve-se ter consciência do domínio da ideologia colonizadora e neo-colonizadora, para que se construa um futuro plantado no interculturalismo dos povos e na transnacionalização das Nações.

Percebe-se que ao MERCOSUL, diante da complexidade do contexto mundial contemporâneo, cabe um fortalecimento principalmente institucional. Algumas condições são exigências *sine qua non* para a sua existência: a progressiva e efetiva integração tributária e alfandegária; a posição política de recusa do estabelecimento de bases militares estrangeiras na região; a busca por uma cadeira no Conselho de segurança da ONU que represente os anseios do bloco; a queda das barreiras à produção e comercialização agrícola; a integração física, de infra-estrutura e de recursos naturais.

Além disso, necessário se faz a integração sócio-cultural, a construção de uma identidade comum e de políticas públicas nas áreas da Previdência, Saúde e Assistência Social, Educação, Cultura e Trabalho (reconhecimento de profissões, etc).

Aos países mais ricos da América do Sul, os responsáveis pela base do MERCOSUL, Argentina e Brasil, deve estar claro que só lhes resta optar por uma união sincera de objetivos, como outrora França e Alemanha o fizeram. Tais objetivos deverão ser, todavia, sempre pautados num altruísmo transnacional, numa ética-política, amparados na multipolarização do poder regional, no respeito aos Direitos Humanos e ao Meio Ambiente, e no compartilhamento dos progressos científicos.

A busca por uma riqueza necessária e justa para a superação de suas mazelas é sem dúvida importante; fundamental é, mais do que alcançá-la, saber dividi-la.

DIAS, Túlio César. O método Jean Monnet e a União Européia como referentes para o projeto de integração sul-americano. Revista Eletrônica Direito e Política, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciência Jurídica da UNIVALI, Itajaí, v.5, n.1, 1º quadrimestre de 2010. Disponível em: www.univali.br/direitoepolitica - ISSN 1980-7791

A contribuição do pensamento de Jean Monnet consiste, fundamentalmente, na tomada de consciência dos desafios próprios de nossa realidade – pobreza, subdesenvolvimento, concentração de renda – que exigem a construção de um projeto de integração compatível com tal realidade. Projeto este que deverá fundamentar-se na construção de uma identidade comum, fruto da ação conjunta em um plano de desenvolvimento econômico, social, e político regional.

A ação conjunta fundamentada em um objetivo ético-político de superação da exclusão e das desigualdades sociais levará à coesão social dos países e ao fortalecimento do bloco sul americano.

Conclui-se que a experiência da União Européia, fundada no Método Jean Monnet, pode servir de exemplo para o processo de construção da Comunidade Sul Americana.

REFERÊNCIAS DAS FONTES CITADAS

DUSSEL, Enrique. **1492**: o encontro do outro (a origem do mito da modernidade). Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. **Desafios brasileiros na era dos Gigantes**. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2005.

LISBOA, Armando de Melo. Desenvolvimento: uma idéia subdesenvolvida. **Revista Plural**, ano 5, n.º 7, jan/jun. 1996.

MONNET, Jean, 1888-1979. **Memórias**. Tradução de Ana Maria Falcão, Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1996.